



Artículos y Ensayos

UM CASAL NO ESPELHO

ANDRÉIA PONSI - ARIANE SEVERO - MARCELO C. NIEDERSBERG E
ROGÉRIO TUBINO

RESUMO

O presente artigo procura compreender a evolução do tratamento de um casal observado por quatro terapeutas a partir dos conceitos da psicanálise vincular, buscando identificar as possíveis implicações na prática clínica.

Palavras-chave: contratransferência, interferência, observação, transferência, transferência vincular, e uso do objeto

UNA PAREJA EN EL ESPEJO

RESUMEN

El presente artículo busca la comprensión de la evolución del tratamiento de una pareja observado por cuatro terapeutas desde de los conceptos de enlace del psicoanálisis

vincular con el fin de identificar las posibles implicaciones para la práctica clínica.

Palabras claves: contratransferencia, interferencia, observación, transferencia, transferencia vincular y uso del objeto

A COUPLE IN THE MIRROR

ABSTRACT

This article seeks to understand the evolution of the treatment of a pair observed by four therapists from the psychoanalytic concepts of link link in order to identify possible implications for clinical practice.

Keywords: countertransference interference, observation, transfer, transfer and use of the object link



Introdução

Em Abril de 2012 formou-se um grupo com quatro terapeutas vinculares do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade, para estudar e discutir casos clínicos. Estávamos à véspera da Jornada da Instituição em que as convidadas eram Silvia Gomel e Janine Puget. O objetivo era aprofundar conhecimentos e transmiti-los aos colegas.

Após um ano de estudos começamos a atender na sala de espelho. Um dos terapeutas se ofereceu para dar início ao trabalho e assim recebemos um casal. A sessão se dá as terças feiras e após nos reunimos para discussões.

Desde o momento inicial tínhamos muitas questões principalmente sobre técnica. Então nossa proposta neste trabalho é de discutir um pouco sobre a técnica vincular, mas principalmente relatar nossa experiência com este casal que está conosco há um ano. Temos um vasto material clínico para relatar e discutir. Queremos destacar a parte do projeto que nos deu muito trabalho de início. Além da dificuldade de conciliar o horário dos quatro terapeutas com a sala de espelho e os pacientes, levamos um bom tempo para nos sentirmos à vontade com a tarefa e uns com os outros em suas funções. As dificuldades que enfrentamos não eram de início com o paciente casal, com o início do tratamento ou tipo de material, mas com a novidade da prática do próprio projeto. Uma das terapeutas, a relatora, tinha a sensação que o que relatava não correspondia com o que de fato ocorria na sessão. O relato era pobre, faltoso, em relação à realidade. Frases não eram escutadas. O casal falava muito e rápido, era difícil acompanhar. O terapeuta que os atendia estranhava a materialização de suas intervenções, e os colegas



lembravam algumas falas que não estavam no relato. Nem todos os gestos, movimentos e olhares eram captados pelo relator.

Mas o que mais nos surpreendeu foi o tempo que precisamos para nos sentirmos seguros e confortáveis. Apesar de sermos muito amigos e bons colegas e já estarmos juntos há um ano estudando e pensando o projeto, sentimos certa dificuldade. O terapeuta que os atendia precisou de um tempo para sentir-se inteiramente à vontade. Os observadores também passaram pelo mesmo processo e a relatora falava do seu cansaço.

Desenvolvimento

Vozes, olhares, pensamentos, silêncio... Sensações, que são interrompidas por uma pergunta:

- O que tu achas que devemos fazer?

Os olhos fixos, esperam uma resposta. O que responder? A pergunta direta encontra meu pensar transversal.

De quantas mentes necessita um casal para deixar-se ao acaso?

O que acho que devem fazer?

Quantas subjetividades são necessárias para realizar a sangria do material contaminado, tóxico, poluído, que os casais trazem como oferendas à sessão?

Na sala de espelhos todos olham. Vemos um casal. Vemos um casal e um terapeuta. Vemos um casal, um terapeuta e o reflexo do espelho. Vemos a nós mesmos, nas amarras que atam todas as relações. Vemos nosso desejo, nosso saber, nosso fazer, nosso pensar, nosso dizer.



O que devemos fazer?

Cada vez que eles chegam há uma expectativa, mas é sempre igual. Chegam com uma dúvida. Se não é com eles próprios é com a terapia. Será que está funcionando? Será que não tem uma coisa mais direta a ser feita ou dita? Ou, quem sabe, um tema de casa para fazer? O trabalho deles, eles não querem fazer. Isto está claro. O que foi que não vimos ainda?

Este é um casal que não conversa e que, arrisco a dizer, não se relaciona. A questão sexual ou a sexualidade está nas bordas ou não está, não entra na sessão, a discussão e as brigas são a constante. Se não conseguem que o terapeuta fique a dar voltas para escapar da objetividade torturante deles, eles vêm com as disputas corriqueiras de quem é o pior entre os dois. O casal investe muito na guerra e muito pouco no diálogo. Eles descuidam muito da comunicação ou não sabem se comunicar. A palavra deixou de ser veículo de comunicação e se tornou um instrumento a serviço de projeções agressivas (Zimmerman, 2004, p.372). Em muitos momentos, inexistente a troca, característica do diálogo,¹ onde devem existir duas liberdades: a de quem fala e a de quem ouve. A linguagem é um sistema de ordens ou comandos, não um meio de informação. Vivem de forma provocativa e aos gritos. Oscilam entre o esforço de comunicar e o de esconder o que pensam. Pois, o que importa neste jogo de linguagem é culpabilizar o outro pelo ocorrido. Assim, lançam pensamentos de forma fragmentária, em sentenças curtas, ambíguas e paradoxais, que parecem significar muito mais do que dizem. É como um amontoamento, uma rede de palavras para emaranhar o outro. Um torneio de ironias. Os casais em crise, ou que possuem uma origem narcisista, quando

¹ Recomendo a leitura de um capítulo do meu livro anterior: A Dinâmica das Relações de Poder na Conjugalidade (2010), p. 119/135).



um entende algo diferente do pretendido, acabam provocando uma irritação e um mal-estar que num crescente vão obstaculizando o ato comunicativo e comprometendo o clima emocional. Qualquer comunicação vira uma discussão, um desentendimento. Vivem em permanente desacordo, o que Berenstein e Puget chamam de *mal-entendido*. Circula o desprezo, a crítica. Um corrige o outro o tempo inteiro. Tentam impor uma única semantização e, para tanto, atacam o outro. Há uma sensação de frustração permanente. Mensagens contraditórias, enlouquecedoras. Muita dificuldade de escutarem um ao outro porque isso envolveria reconhecer a diferença ou autonomia do outro.

Não existem acordos. O que este casal faz é criar uma zona não compartilhada que é utilizada para se acusarem. Compartilhar é persecutório. Produzem um mal-estar contínuo. Presos, um ao outro, apenas para apontar a falta, o que está estragado, feio. As concessões não são toleradas porque despertam angústia. O diferente é perturbador, devendo ser mantido fora (Berenstein & Puget, 19994, pp.44,47).

Berenstein (2004) fala que *temos usado "vínculo" no sentido amplo de uma situação inconsciente que ligando dois ou mais sujeitos determina, então uma relação de presença*. E o que mais? Este casal, apesar de estar ligado pelo casamento e pelos filhos, não parece estar junto (um casal que nem sabe o lugar de pai e de mãe em uma família). Seria então o negativo que os une? *O conceito do negativo dá conta da impossibilidade do vínculo, consequência da falta estrutural do sujeito e, ao mesmo tempo, do espaço de construção vincular, ao que tal falta dá origen* (Matus & Selvatici, 2003). Sendo assim, o negativo, o sustentáculo deste vínculo de casal, cria uma nova matriz de construção de subjetividade, já que nele se põe em jogo a falta originária, assim como estar condenado a investir para negar esta falta.



Geralmente quando escrevemos, deixamos o título de um texto ou até mesmo de um livro de lado e o guardamos para brindar nossa produção com um nome no final, ou, simplesmente, é algo que durante o desenvolvimento da escrita acaba por se construir. Porém, desta vez, acabamos percebendo que na construção deste ensaio isso não ocorreu e nos vimos totalmente influenciados no desencadear da escrita pelo título escolhido. Ao iniciar o texto, logo nos socorremos em uma vinheta clínica de Maria e José, nos apoderando de um pedido de socorro deles, que será o tema central para desenvolvimento da nossa escrita e do nosso pensar. Como eles, suplicamos ao Grande Outro que nos ajude a desenvolver algo que não depende deste Outro, mas sim do nosso esforço e da nossa vontade. Mas, o que tem isso haver com o título? Com Deus? Com ajuda? E com esse casal? Lacan, no livro 2, define e diferencia *Outro* e *outro*. Descreve o grande Outro para designar um lugar simbólico que tanto pode ser um significante, a lei, o nome, a linguagem, o inconsciente, ou ainda Deus, que determina o sujeito tanto intra como intersubjetivamente em sua relação com o desejo. O grande Outro quando evocado pela criança impede que se perpetue a ligação diática com a mãe estabelecendo os limites às diferenças entre as gerações do filho e dos pais.

Usando uma vinheta clínica do início de uma sessão, Maria pede a palavra perguntando: “Posso fazer algo diferente hoje?”. O terapeuta e José consentem. “Posso fazer uma oração para iniciarmos?” Mais uma vez todos concordam. “Deus, peço que nos ilumine, a nós e ao Rogério, para que ele possa ser o condutor da sua palavra. Amém.” Quando ouvimos a oração, escutamos um pedido de socorro de um casal que não sabe mais o que fazer e nem como fazer. A oração para Deus ou o pedido de tarefas ao terapeuta (Sujeito do suposto saber) nos mostra o quanto atrapalhados estão eles para



lidar com a alteridade da vida a dois. Demonstra também uma incapacidade de produzir o entre dois. Complementamos esse pedido de ajuda divino com uma frase do terapeuta Rogério: “O que é deles eles não sabem fazer”. De certa forma essa afirmação resume como funciona a relação desta dupla. Eles não sabem ser um casal, não se sustentam enquanto um, precisam do olhar de um terceiro (Terapeuta ou Religião) para tentar buscar essa sustentação.

Em dezembro de 2013, Maria e José trazem mais uma discussão para a sessão. Desta vez a divergência gira em torno da carteira de identidade do filho mais velho. Atritam-se por que José defende a ideia de que o filho deveria sair sempre com sua identidade e chega a usar como argumento uma possível tragédia. “E se acontecer algum acidente ou se o guri se perder, como iria identificá-lo?”. Por sua vez Maria defende a ideia que o filho não precisa sair munido do documento de identidade. Argumenta que os pais devem carregá-lo e de que essa não é uma responsabilidade de uma criança. Refletimos sobre essa sessão, sobre a identidade deste casal e, mais profundamente, sobre a identidade desta criança. Que identidade ele terá? A do pai? A da mãe? Tentando fazer um exercício de imaginação sobre a fantasia desta criança, conectamo-nos com sua psique e divagamos. Se ele levar a identidade quando sair à rua estará pactuado com o pai e, inevitavelmente, contra a mãe. Se não levar a identidade quando sair pactuará com a mãe e ficará contra o pai. O filho tem que decidir entre os dois, não podendo decidir pelos dois, ou melhor, tem que tomar partido nesta disputa. Isso por si só nos parece enlouquecedor. Não parece que a criança tenha o Registro Geral dos pais.

Maria e José repetem com o terapeuta o mesmo funcionamento. O tempo todo Rogério tem que decidir quem está certo. Em sessão, esse funcionamento do casal



desperta em nós, terapeutas observadores, sentimentos contratransferenciais² dos mais diversos. O que mais chama a atenção e desperta preocupação é o lugar que esse filho ocupa. Lembremos, esse casal vem a tratamento indicado pela psicóloga do filho, pois questões da dupla estão interferindo no desenvolvimento desta criança. Nos perguntamos: e como não interferir? Ter que decidir entre qual dos pais é enlouquecedor, gerador de sintomas e isto está acontecendo pela incapacidade deste casal em se tornar um par que consiga chegar a um acordo para que um terceiro não tenha que o tempo todo decidir quem está certo.

Pinçamos esse fragmento de sessão para pensarmos juntos sobre o impasse constante que se estabelece entre este “casal”. Passamos a utilizar aqui aspas na palavra casal, pelo simples fato de que não os vemos como um par. Segundo a definição do *Dicionário Aurélio*, *casal é um par composto de macho e fêmea, ou homem e mulher*. Não os vemos como casal, são um homem e uma mulher que não compartilham e não estabelecem um nós e sim um eu presos as suas figuras narcísicas incapazes de se desprender deste funcionamento individual infantil. Não cumprem com os parâmetros definitórios de um casal (Berenstein & Puget, 1994) e nem com as funções de pai e mãe, que neste “casal” está sobreposta e confundida e isso a nosso ver também dificulta a configuração de um vínculo e causa sofrimento vincular.

Após o recesso de final de ano (2013/2014) é retomado o atendimento do “casal”.

Poderíamos de uma forma arbitrária direcionar a escrita para o início e o fim da sessão

² Utilizamos o conceito de Paula Heimann, 1950; a totalidade dos sentimentos despertados no terapeuta para com o seu paciente, é a resposta emocional do terapeuta às projeções de seu paciente é um dos instrumentos de investigação que ele dispõe para compreender o inconsciente do mesmo. Enfatiza, no entanto, que, para que isso possa ocorrer, o terapeuta deve ser capaz de conter em si os sentimentos nele suscitados, ao invés de descarregá-los, como faz o paciente. Para a autora, portanto, existe uma comunicação entre o inconsciente do terapeuta e o do paciente que é o que ocorre na contratransferência.



vincular deles como se o conteúdo terapêutico “importante” verbalizado por estes pacientes se resumisse a estes dois polos extremos: início e fim. Mas quem sabe isto não seria pré-julgado como contratransferência da nossa parte? Pensamos que a temática contratransferencial deve ser sempre levada em conta no atendimento dos pacientes vinculares. Temos um material riquíssimo a respeito de muitos temas técnicos como intervenção, transferência vincular³, comunicação, violência da comunicação, loucura vincular, contratransferência do analista e dos observadores, interferência⁴, funcionamento vincular (discussão sobre a psicopatologia vincular que pode ajudar no diagnóstico e no processo do tratamento). Relação sadomasoquista. Relações de poder. Início do tratamento de casal. Casal que ainda não se constituiu como casal. A influência das famílias de origem. Casal de funcionamento endogâmico.

Neste casal, ocorre uma dissociação entre o que seria o ideal de um casamento e uma depreciação do casamento. Em uma parte da sessão, normalmente o início, eles operam dentro do recalçamento, onde se estabelece uma transferência simbólica. Em seguida, prevalecem demandas mais arcaicas e a alternância de estados de relação narcísica com estados de depressão onde o analista fica colocado no lugar do cuidador idealizado que deve dizer como devem agir ou o que precisam fazer para funcionarem de outra maneira. Se o analista não atende à solicitação, é desqualificado. Há uma negação constante do outro enquanto sujeito. Há um favorecimento da desconfiança e da cisão.

³ Produção própria da sessão psicanalítica de casal, família. Os temas colocados em cena se referem às distâncias e proximidades, acatamento ou transgressão da lei, endogamia x exogamia, fusão e separação, obrigação de pertencer ou não a um vínculo e opção de escolha de objeto, funcionamentos armados e sustentados pelos dois. A transferência e os acordos e pactos inconscientes responsáveis pelo sofrimento vincular.

⁴ Utilizamos o conceito de Berenstein, 2004; interferência produzida entre paciente e analista, por ação do encontro-desencontro, dependente de cada vínculo e de cada subjetividade.



Predominância da lógica do primário. A única saída seria um adensamento da transferência para que houvesse o descongelamento de situações aniquiladoras.

Na transferência colocam o analista nessa incapacidade de ajudar ou de mostrar como funcionam. Parece que devem fracassar e junto com eles o analista para que comprovem que são uma repetição das famílias de origem. Ele deve fracassar como pai e marido como ocorreu com seu pai. Ela deve sentir a frustração do casamento dos pais dela e dar a mão à palmatória de que deveria ter sido freira, casada com Deus ou com o pastor (pai).

Ainda sobre os polos início e fim, nossa percepção é de que o “entre” ou o “meio” das sessões desta “dupla” é utilizado com muita frequência por eles para o desencadeamento de uma mesmice repetitiva e nada produtiva decorrente da falta de diálogo que acaba por nos mostrar um funcionamento individualista, onde o casal (dupla) é deixado de lado para o estabelecimento de uma vontade individual, caracterizada por um funcionamento narcisista infantil, (o outro deve funcionar conforme minha vontade). Nasio (2013) caracteriza o funcionamento repetitivo deste casal. *“Um significante é toda manifestação involuntária de um sujeito suscetível de ser contabilizada pelo próprio sujeito ou por outrem”.* Segue: *um sujeito pode ser atravessado por uma repetição que ele mesmo ignora, mas que é constituído por ela, quer dizer, seu desejo, sua vida e seu destino são moldados pela repetição.*

Nesta primeira sessão de 2014, após um atraso de trinta minutos (uma constante), José (porta-voz) pergunta ao terapeuta se este havia telefonado ao casal no dia de Natal. Com a negativa por parte do mesmo ele prossegue: “o tratamento não está adiantando,



vamos nos separar”. As perguntas que vem à mente: se separar de quem? Do analista? Da mulher? De que tipo de separação falava José?

Freud (1914) diz: *A transferência é um exemplo de repetição em ato na qual o recalçado se exterioriza sob a forma de um comportamento do analisando com relação ao psicanalista.*

Zimmermann (2013) caracteriza abandono, *tanto por um possível e traumático abandono real como por um sentimento real de abandono, causado por uma frustração ou por não ter conseguido algo.* José sentiu-se abandonado durante esse período de recesso por Rogério e sem o espaço da terapia. O convívio do casal se tornou mais distante e angustiante, o que fez o paciente anunciar um possível término do tratamento.

A segunda questão pensada é o fetichismo. Mas devem se perguntar: por que o fetiche? De uma forma mais categórica é a segunda vez que o casal ameaça se separar. A primeira ocorreu no ano passado após discordâncias no funcionamento do dia a dia. Quando Maria diz para José sair de casa. Não conseguindo sustentar sua decisão, na mesma noite ela veste uma roupa íntima e seduz José. Depois de se encontrarem sexualmente decidem não mais se separar. Na sessão seguinte, o “casal” verbaliza: “não é por qualquer dificuldade que vamos nos separar, afinal de contas somos uma família e temos os nossos filhos”. Após José proclamar a ameaça da separação nesta retomada dos atendimentos e colocar em xeque o tratamento, o terapeuta faz uma simples pergunta: vocês já conversaram sobre isso? E a resposta por parte do “casal” é negativa. Mais uma vez não houve diálogo. Para se encontrarem somente na presença de um terceiro que pode ser o filho, o analista ou até uma ex-paixão de Maria.



Ponto, chegamos ao final da sessão. Desta vez não é a roupa íntima que entra em cena com o objetivo de proporcionar o encontro e evitar a separação, mas o “desejo” da traição. Sim o desejo inconsciente de se consumir uma traição transgeracional. O pai infiel de José ou quem sabe até o pai violento de Maria, que agredia sua mãe. A fantasia de traição surge através de Gabriel, ex-namorado de Maria, e por quem ela foi muito apaixonada. José demonstra incômodo com o espaço ocupado por Gabriel designado por Maria - um lugar que José não consegue ocupar: o de homem da casa.

Exemplificamos estes acontecimentos da vida do “casal” para pensarmos na utilização do outro como objeto. Um Objeto entre os dois.

Freud (1905) *designa o fetiche como uma perversão sexual, caracterizada pelo fato de uma parte do corpo ou um objeto exterior ser tomado como objeto exclusivo de uma excitação, ou pratica perversa de atos sexuais.*

A intersubjetividade procura abarcar o campo do *entre dois*, onde o sujeito, sem deixar de sê-lo, produz e se produz como outro, por ação da relação precisamente com o outro.

A noção de intersubjetividade (o espaço entre os sujeitos) é imprescindível para pensar a constituição do psiquismo, a relação analítica e, em especial, a psicanálise vincular. A noção do analista como outro, sua transferência, contratransferência e interferência, sua implicação subjetiva. Para Foucault (Deleuze, 2010, p.145) não há sujeitos, mas produção de subjetividade. A subjetivação como um processo. Um modo de existência que não se confunde com o sujeito, não é uma pessoa. Esses modos de existência, Foucault chama de estilos de vida: Uma estética da vida. A vida como obra de arte.



Uma individuação particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento. Deleuze (2010, p.128): *É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder.* Subjetivação é dar uma curvinha à linha, fazer com que ela retorne sobre si mesma.

O intersubjetivo tem um sentido a partir do enlace com o outro e marca um *entre dois*. A dimensão intersubjetiva considera o psiquismo um sistema aberto que constitui uma unidade de funcionamento com o outro(s) do contexto intersubjetivo. Abarca os processos psíquicos que aparecem, desenvolvem-se, expressam-se, potencializam-se e desaparecem em função desse contexto.

Nosso trabalho clínico pretende levar os casais a experimentar a responsabilidade pelo vínculo, pelo que produzem juntos. Esse processo permite uma revisão dos estereótipos e normas oriundas das famílias de origem ou do social, com o efeito de resignificação, e leva a novas inscrições. Assim, devolver ao casal uma abertura que possibilite recíprocas curiosidades, conhecimento e respeito pela singularidade e os efeitos do *entre dois*. Os casais não compreendem o mundo intersubjetivo e necessitam que nós, analistas vinculares, mostremos esse mundo do *entre dois*. Ao conseguirem dar-se conta do que provocam no outro e no vínculo do qual fazem parte, talvez possam interessar-se em um tratamento vincular.

A teoria das configurações vinculares se atualiza a partir da teoria da complexidade. Passamos de uma causalidade linear para uma causalidade ampliada. Além de todos os conhecimentos do funcionamento do inconsciente, similaridade, simultaneidade, “e” isso, “e” aquilo, ao invés de “ou” isso, “ou” aquilo, dos opostos convivendo simultaneamente, a multiplicidade, acrescentamos o conhecimento das redes



para entender o que se passa no vínculo. Numa rede cada componente participa na produção e transformação dos outros componentes da rede. Desse modo, toda rede se produz continuamente a si mesma, como num sistema vivo (Capra, 1996, p.89).

Em consonância com esses autores a ideia de construção única e constante de cada casal. Entendendo *entre* como uma relação, um estado intermediário, um meio. O *entre dois como* espaço onde ambos se modificam desde o que produzem juntos (Berenstein, 2004, p.171).

Saem do monólogo interior em que se encontravam e apontam para um delineamento de um espaço-tempo que gera alteridade. Neste momento nos fazemos audíveis e visíveis. O outro se faz Outro. É a nossa hora de entrar, sempre estimulante. Antes mantemos a escuta analítica mais silenciosa, aquela que permite que o campo analítico se configure.

As intervenções devem ser breves e não diretivas. Apenas nos casos em que a comunicação se encontra obstaculizada é que recorremos a um tipo de intervenção que mostra a forma como se comunicam, no sentido de fazer deslizar o sentido. Porque não é necessário atribuir significado a tudo e nem tentar compreender tudo. E retomamos esse tipo de intervenção presencial ou na metáfora, que favorece a experiência emocional. O analista sobrevivendo, respirando, vivendo, com todo o seu ser faz acontecer à análise no plano vivencial.

1. *Há apenas um único inconsciente em jogo na relação analítica, aquele que se abre durante o acontecimento, momento em que a distinção entre paciente e analista se desfaz.*



2. *O inconsciente e a relação transferencial são no decorrer do acontecimento uma só e mesma coisa*, sendo que a interpretação poderá ser feita por ambos os componentes do campo transferencial que se formou, instaurando um inconsciente único, um co-inconsciente, entre a poltrona e o divã.



REFERÊNCIAS

- Berenstein, I. (1988). In: Isidoro Berenstein. *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.
- Berenstein, I. (2004). In: Isidoro Berenstein. *Devenir outro con outro(s)*. Buenos Aires: Paidós.
- Berenstein, I. & Puget, J. (1994). In: Isidoro Berenstein e Janine Puget. *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Capra, F. (1996). In: Fritjof Capra. *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix.
- Deleuze, Gilles (1992): In: Gilles Deleuze. *Conversações*. São Paulo, Editora 34, 2ª edição, 2010.
- Evans, D. (2013). Outro/OUTRO (autre/AUTRE, other/OTHER). In: Dylan Evans. *Diccionario Introductorio de Psicoanálisis Lacaniano*. Buenos Aires: Paidós.
- Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: Sigmund Schlomo Freud. (Ed.) *Edição standard brasileiras de obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Vol. XII).
- Heimann, P. (1950). Acerca de la Contratransferência. Trabalho lido no 16º Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 1949. Traduzido do *International Journal of Psychoanalysis*, Vol. XXXI, 1950.
- Mini Dicionário Aurélio, (2004).
- Puget, J. (1997). In: Janine Puget. *Psicoanálisis de Pareja*. Buenos Aires: Paidós.
- Severo, A. (2010). In: Ariane Severo. *Encontros & desencontros a complexidade da vida a dois*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo.
- Zimerman, D. E. (2012). Outro/outro. In: David Epelbaum Zimerman. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.



Revista Borrromeo N° 5 – Julio 2014

<http://borrromeo.kennedy.edu.ar>

revistaborrromeo@kennedy.edu.ar

ISSN 1852-5704

Zimerman, D. E. (2012). Abandono. In: David Epelbaum Zimerman. *Etimología de termos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed.